

As Sociabilidades nas Organizações: Da Sociologia Formal às Interações Cotidianas¹

Letícia Fantinel²

Resumo

Este artigo tem por objetivo expor um breve histórico sobre o conceito de sociabilidade, bem como apresentar diferentes possibilidades de estudo de fenômenos organizacionais, tendo como base o conceito de sociabilidade em contextos culturais. Passa-se pelas primeiras problematizações do conceito, desenvolvidas por Simmel (1983), por diversas ressignificações desenvolvidas por outros autores, dentre eles importantes expoentes da Escola Sociológica de Chicago, e hoje se evidencia um descentramento da noção, de uma abordagem formal para uma visão mais próxima do cotidiano. O conceito de sociabilidade, muito discutido em contextos urbanos, permite compreender também o caráter relacional de interações nas organizações, ao desvendar heterogeneidades e homogeneidades em termos das significações produzidas no cotidiano organizacional.

Palavras-chave

Sociabilidades. Organizações. Simmel.

Abstract

This article aims to expose a brief history about the concept of sociability and present different possibilities to the study of organizational phenomena based on the concept of sociability in cultural contexts. We discuss the first concepts developed by Simmel (1983), then we explain new meanings developed by other authors, specially exponents of the Sociological School of Chicago. Nowadays we can see new tendencies concerning this notion, from a formal approach to a vision that privileges everyday life. The concept of sociability, discussed in urban contexts, allows us to understand the relational character of interaction in organizations. Also, it can unravel heterogeneous and homogeneous aspects in terms of the meanings produced in organizational everyday life.

Keywords

Sociabilities. Organizations. Simmel.

INTRODUÇÃO

O conceito de sociabilidade vem sendo discutido no campo sociológico de forma atrelada à vida social nas cidades, de forma a compreender o caráter relacional e situacional de diferentes sujeitos e grupos no contexto urbano (FRUGOLI Jr., 2007). Simmel (1983) é lembrado, muitas vezes, como um dos primeiros autores a problematizar tal noção, definindo-a como um social puro. Para o autor, sob a ótica da chamada Sociologia Formal, as sociabilidades seriam modos de sociação mais voltados à forma que ao conteúdo da interação.

Contemporaneamente, outras lentes teóricas vêm sendo aplicadas ao fenômeno, descentrando seu conceito de uma abordagem formal para uma visão mais próxima do cotidiano. Passam a ser analisados diferentes sujeitos e contextos, não apenas aqueles correspondentes às elites urbanas (MARTINS, 2013). Dessa forma, ao expandir o próprio conceito, os estudos ganham contornos mais amplos (COWAN, 2012), de maneira que a problemática da vida cotidiana passa a ser contemplada em tais análises (VELHO, 2001; MARTINS, 2013). A formação cotidiana de laços contemporâneos torna-se foco (FRUGOLI Jr., 2007; OLIVEN, 2007).

Nesse sentido, tendo em vista as ressignificações que permeiam o uso do conceito, o objetivo deste artigo é expor diferentes possibilidades de estudo de fenômenos organizacionais, tendo como base o conceito de sociabilidade em contextos culturais. A partir desta discussão, portanto, pretende-se abordar o conceito, na medida em que ele permite sua consideração também no cotidiano organizacional, no qual diferentes sujeitos constroem interações recíprocas continuamente (FANTINEL; CAVEDON; FISCHER, 2014). Por isso, a abordagem apresentada possibilita compreender diferentes aspectos das culturas das e nas organizações, uma vez que o conceito de sociabilidade insere-se em um quadro teórico que permite desvendar heterogeneidades e homogeneidades produzidas no cotidiano organizacional.

Além desta introdução, o texto está estruturado em quatro itens: a seguir, tem-se discutido o clássico conceito desenvolvido por Simmel (1983), a partir da chamada Sociologia Formal. Depois disso, algumas releituras do conceito são apresentadas, para posteriormente serem abordadas diferentes possibilidades do uso de tal noção nos Estudos Organizacionais. Ao final, colocam-se algumas considerações, à guisa de conclusão do texto, mas não da discussão.

O CONCEITO CLÁSSICO SIMMELIANO

Simmel foi um autor cujo pensamento evidenciou-se durante a primeira metade do século XX devido à popularização promovida especialmente pela Escola Sociológica de Chicago, jogando luzes sobre seu olhar cosmopolita e microsociológico sobre as relações sociais (FERREIRA, 2000). O pensador de origem germânica ficou conhecido por suas análises sobre a vida urbana (por exemplo, ver SIMMEL, 2005 e SIMMEL, 2013) e por uma visão do mundo social essencialmente relacional, em constante processo (GRIGOROWITSCHS, 2008). Simmel manifesta “uma interpretação da cultura que privilegia o jogo dinâmico entre *estruturas simbólicas identitárias* e forças de *alteridade*” (FERREIRA, 2000, p. 103,

grifo do autor). Tendo analisado diferentes fenômenos ditos estruturantes da modernidade, como o dinheiro, a vida social nas metrópoles, a mercantilização do corpo e da moda, sua sociologia é considerada uma sociologia da interação e da intersubjetividade (TEDESCO, 2007).

Simmel é conhecido por muitos como um estudioso das interações. Para ele, a sociedade existe a partir de interações e, principalmente, da consciência dessas interações (TEDESCO, 2007). Observador incansável de seu entorno, muitas de suas análises desenvolveram-se em relação ao papel das formas na vida social, sob um núcleo analítico denominado Sociologia Formal.

O autor, em seus escritos de cunho ensaístico, diferencia formas e conteúdos em termos daquilo que chama sociação. A sociação, para ele, seria a maneira através da qual os indivíduos se agrupariam em unidades para a satisfação de seus interesses, aquilo que formaria a base das sociedades humanas (SIMMEL, 1983). Em sua visão, tudo aquilo que estaria presente nos indivíduos sob forma de impulso, interesse, propósito, na interação com os demais, seria o que ele denomina conteúdo da sociação. Os grupos de interesses seriam formados na sociedade, de maneira geral, a partir do conteúdo da interação, uma vez que são os interesses que motivam os agrupamentos dos sujeitos. Para Simmel, a sociedade seria, portanto, um conjunto de formas de interação previamente padronizadas (COHN, 1998). Por outro lado, certos padrões de interação teriam suas formas (que seriam objeto de estudo da chamada Sociologia Formal) destacadas desses conteúdos, sendo as responsáveis pelo estabelecimento dos indivíduos em um todo social.

Nesse sentido, tais formas, de alguma maneira, passariam a operar por conta própria, como receptáculos para relações eventualmente ajustáveis a eles (COHN, 1998). Simmel (1983) pondera que, no convívio em sociedade, as formas nas quais o processo social resulta acabam por ganhar vida própria, liberando-se de seus conteúdos e passando a existir por si mesmas. Neste processo, insere-se o fenômeno da sociabilidade. Para o autor, a sociabilidade pode ser encarada como um “social puro”, na medida em que seu interesse encerra-se na interação em si mesma. A sociabilidade é liberada de propósitos objetivos, conteúdo ou resultados exteriores, e seus limites seriam transpostos a partir do momento em que os indivíduos motivariam suas interações por propósitos e conteúdos objetivos.

Esse destacamento entre forma e conteúdo é fundamental para o conceito de sociabilidade, portanto. O modelo típico de sociabilidade seria, em seus termos, a conversação. A habilidade em mudar rápida e facilmente de assunto compõe, assim, a natureza da conversação social, de forma que o tato mantém a conversação fora da intimidade individual e de elementos puramente pessoais – ou seja, não se cultiva a objetividade com vistas a algum conteúdo em particular (SIMMEL, 1983). Numa conversação puramente sociável, logo, o assunto é indispensável para a interação, mas ele não é o centro ou o propósito da interação social: é o meio através do qual o vínculo social se mantém enquanto forma.

Nesse sentido, a sociabilidade, para ocorrer, dependeria quase que exclusivamente das personalidades dos indivíduos que a operam. Sendo assim, as condições e resultados do processo de sociabilidade configuram-se, tão somente, nas pessoas que se encontram

socialmente. Seu alvo é simplesmente o sucesso do momento sociável e, no máximo, a lembrança dele; seu caráter é definido por qualidades pessoais tais como a amabilidade e a cordialidade (SIMMEL, 1983).

Outro ponto fundamental a essa visão clássica sobre a sociabilidade delimita-se justamente na medida em que seu interesse encontra-se restrito a seus atributos formais. Para Simmel (1983), os aspectos objetivos dos participantes desse tipo de interação, como sua posição social, fama ou méritos, não estariam presentes na sociabilidade. Haveria, na visão do autor, uma suspensão de tais elementos, para que a sociabilidade se dê em determinados estratos sociais. As interações dessa natureza, correspondentes ao trato social cotidiano nas cidades, seriam construídas de maneira superficial, uma vez que as particularidades e intimidades dos sujeitos não seriam expostas (GRAFMEYER; JOSEPH, 2009).

Na visão de Cohn (1998), o núcleo do esquema analítico de Simmel não se restringe a uma Sociologia estritamente formal; os conteúdos das sociações não seriam, pois, totalmente irrelevantes na análise. Essas relações entre forma e conteúdo estariam permanentemente em jogo (metáfora amplamente utilizada por Simmel) e seriam fundamentais no pensamento do autor para assinalar uma problemática por ele percebida na vida social, não significando propriamente um abandono do campo dos conteúdos (COHN, 1998).

Sendo assim, cabe lembrar que Simmel foi um grande crítico da modernidade, na medida em que considerava que, ao mesmo tempo, esse processo viabilizaria a liberação do indivíduo e produziria alienação, em uma relação de ambivalência (TEDESCO, 2007). Nesse sentido, não é de se surpreender que uma de suas considerações sobre a sociabilidade é que, no limite, ela produziria um mundo artificial, no que ele chama de um jogo no qual os indivíduos fingem ser iguais, enquanto, simultaneamente, finge-se que cada um é reverenciado em particular (SIMMEL, 1983).

A seguir, serão apresentadas outras visões sobre o conceito de sociabilidade, produzidas a partir da noção seminal simmeliana.

RELEITURAS E RESSIGNIFICAÇÕES: OUTROS AUTORES, OUTRAS SOCIABILIDADES

Conforme explicitado no item anterior, a Escola Sociológica de Chicago, chamada muitas vezes de “Ecologia Urbana”, teve em Simmel uma de suas principais fontes teóricas. As discussões travadas pelos expoentes desta escola (que pode ser organizada em dois momentos, um na primeira metade do século XX e outro na segunda) passavam pela compreensão das relações entre os cidadãos e seus meios de vida e das tensões constitutivas da vida social (GRAFMEYER, 2009).

A Escola de Chicago emerge no seio da Universidade de Chicago, portanto, com o objetivo de discutir problemáticas sociais próprias de um contexto urbano em pleno crescimento (GRAFMEYER, 2009). Para tal, toma a cidade como laboratório para o desenvolvimento de suas análises e, em discussões que privilegiam aspectos empíricos, passa a conceber

o espaço urbano como dimensão fundamental à Sociologia (FRÚGOLI Jr., 2007). A partir desse ponto de vista, e do interesse na microsociologia, Simmel passa a ser um dos autores a ser utilizados como referência para suas teorizações, inclusive influenciando no desenvolvimento de importantes abordagens nas Ciências Sociais, como o Interacionismo Simbólico (VALENTIN; PINEZI, 2012). Para a lente eminentemente empírica da Escola Sociológica de Chicago, a visão relacional de Simmel mostra-se adequada.

Mais especificamente sobre o conceito de sociabilidade, pode-se dizer que esse enfoque empírico traz uma dimensão mais concreta ao conceito, passando a ser visto como uma consideração de modos, padrões e formas de relacionamento social concreto em contextos de interação e convívio social (FRÚGOLI, 2007). É contornada, dessa maneira, a sociabilidade no contexto urbano contemporâneo, o que a torna mais precisa espacialmente.

Esse cotidiano de que se fala aqui vem sendo problematizado crescentemente no âmbito das Ciências Sociais. Autores como Certeau (2003), Certeau, Giard e Mayol (2002), Lefebvre (1991), Heller (2004) e Goffman (2011) são exemplos de pesquisadores que, sob diferentes abordagens e lentes teóricas, trazem questões relacionadas à vida cotidiana em busca da compreensão do fenômeno humano nas sociedades. Tal refluxo é responsável, segundo Martins (2013), por uma redescoberta das sociologias fenomenológicas, e mesmo por uma reinvenção da sociologia. Pensar a vida cotidiana implica, assim, ir além das grandes discussões sociológicas, investigando práticas e operações comuns, subversões e apropriações anônimas.

Por ser considerado muitas vezes banal, vazio de verdade e fonte de distorções, o cotidiano, em alguns casos, acaba sendo desqualificado (MARTINS, 2013). Contudo, ao mesmo tempo, cabe lembrar que é no cotidiano que ocorrem, para além da reprodução, a criação, a apropriação, a transgressão, a ruptura, a transformação e a ressignificação. Campo do dinâmico processo de produção de significados e de reorganização de práticas, o cotidiano é, por excelência, o lugar do senso comum. E, uma vez que o senso comum é chamado comum não por sua banalidade, mas sim por seu compartilhamento, o significado compartilhado é necessário para sua ocorrência – e sem significado compartilhado não há interação (MARTINS, 2013).

A interação é, da mesma forma, condição estruturante da sociabilidade, algo que está presente nos escritos de outros autores que propõem diferentes olhares sobre o conceito clássico simmeliano de sociabilidade. Velho (2001), por exemplo, mostra uma possível crítica à dimensão formal descrita pelo autor, aproximando o construto a um tipo ideal. Para ele, é difícil conceber uma situação totalmente despida de motivações e interesses exteriores a ela mesma, em que a interação é delimitada exclusivamente pela forma. Assim, na visão de Velho (2001), o conceito de sociabilidade estaria recebendo diferentes conotações, significados e usos, o que o relacionaria essencialmente à problemática da vida cotidiana. Com o mesmo enfoque microsociológico presente nas discussões previamente abordadas, os estudos aqui apresentam temáticas que se aproximam do dia a dia. O conceito torna-se, portanto, de natureza interdisciplinar: contribuem para ele a Antropologia, com estudos etnográficos produzidos no campo das refeições, das festas, dos rituais etc., e a História das

Mentalidades, também discutindo costumes e vida cotidiana dos sujeitos.

É interessante atentar para os comentários de Velho (2001) acerca desta perspectiva:

[...] a sociabilidade em Simmel tem um sentido muito preciso, mas, se você ficar preso exclusivamente à definição que o Simmel deu para sociabilidade no início do século XX, pode perder muita coisa interessante que também é chamada de sociabilidade, e que acho que está muito mais próxima de uma discussão sobre interação, cotidiano e costumes. [...] existe esse nível ou esse conjunto de níveis do dia-a-dia, do cotidiano, da sociabilidade, que são absolutamente fundamentais e, num certo nível, são a base da vida social. [...] Na verdade, o dia-a-dia, o cotidiano, o micros social, a interação têm esse potencial enorme que tem sido confirmado na história das ciências sociais (VELHO, 2001, p. 207).

Na visão de Rezende (2001), bastante próxima à anterior, Simmel apresenta um mundo sociológico ideal, isolando elementos básicos comuns em qualquer interação social, independentemente de seus conteúdos culturais. Para a autora, este conceito poderia apresentar um distanciamento da experiência concreta, uma vez que nem sempre a sociabilidade alcança, seguindo os termos de Simmel, a equivalência e o desinteresse, isto é, nem sempre traços subjetivos e interesses se ausentam nesse processo de interação. Na verdade, Rezende (2001) argumenta que as sociabilidades tendem justamente a ser diferenciadas por gênero, idade, classe social, entre outros aspectos. Mais ainda, continua a autora, apesar da ideia central que defende que a sociabilidade implica uma associação prazerosa em si mesma, tal aspecto não anulará necessariamente a possibilidade de que sejam evidenciadas diferenças ou que surjam conflitos entre os indivíduos.

Burke (1997) já alertava para a relevância do conceito de sociabilidade em diferentes áreas do conhecimento ao citar Thompson e Agulhon como importantes precursores da abordagem a esse fenômeno social. O primeiro autor dedicou-se às sociedades fraternais e o segundo, um dos grandes responsáveis pelo uso corrente da palavra sociabilidade na França, estudou lojas maçônicas e confrarias católicas, além do “círculo burguês” e os cafés (BURKE, 1997). Contudo, a definição do conceito não remetia à interação em si, mas sim à capacidade relacionada à formação de laços e associações entre indivíduos (GONÇALVES, 2007).

Oliven (2007) destaca, em especial, o fenômeno da sociabilidade urbana. Para ele, a cidade é um excelente campo para estudo das sociabilidades, uma vez que se caracteriza como local em que convivem diversos grupos com experiência e vivências que são em parte comuns e em parte diferentes. Na visão do autor, os centros urbanos são pontos dinâmicos das sociedades complexas para os quais convergem processos das mais variadas ordens. Assim, conforme uma abordagem segundo a qual se faz ciência social *na* cidade, e não *da* cidade, o autor destaca diferentes possibilidades de estudos no contexto urbano, com temáticas diversas, como, por exemplo, migração, religião, trabalho, lazer, entre tantas outras. Em especial, apresentam-se como tópicos relevantes para o desenvolvimento da ciência social na cidade as formas de sociabilidade no contexto urbano: reciprocidades, relações informais, relações de parentesco, comunidades etc.

Cardoso (2012) também identifica a sociabilidade contemporânea ao espaço urbano, o

qual, em sua concepção, praticamente se confunde com a ideia de espaço público. Na visão do autor, embora vivamos, objetivamente, em cidades mais seguras do que no passado, as pessoas, subjetivamente, sentem-se mais ameaçadas, o que tem levado a uma valorização de espaços privados constantemente vigiados e a um esvaziamento dos espaços públicos. Isto é um ponto crucial para pensar a sociabilidade contemporânea, uma vez que o espaço público traduz e representa em termos materiais a possibilidade e liberdade do encontro e interação com o outro, o estranho (CARDOSO, 2012). Ademais, a própria dinâmica do espaço pode ser repensada na cidade contemporânea. Por ser a cidade policêntrica, a sociabilidade urbana não se processa apenas em âmbito local, vinculada a espaços específicos; a sociabilidade dá-se em esferas que extrapolam o geográfico, na medida em que cada sujeito pertence, ao mesmo tempo, a vários lugares aparentemente descontínuos entre si (CARDOSO, 2012).

Finalmente, uma vez identificadas algumas possibilidades e limitações do conceito simmeliano, destaca-se uma tendência na teoria social em abordar o fenômeno mais amplamente, como “processos interativos, representativos e simbólicos, relacionados às experiências vividas que constroem interações” (LEITE, 2006, p. 24). Nesse sentido, diversas considerações podem ser trazidas em relação ao uso do conceito na área de Estudos Organizacionais, algo que é realizado a seguir.

USOS E POSSIBILIDADES DO CONCEITO NOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

A área de Estudos Organizacionais, embora não tenha uma tradição de problematizar o conceito de sociabilidade, em alguns momentos, apresenta estudos voltados para conceitos afins. Um ponto interessante, contudo, é considerar que a temática da sociabilidade, dentro ou fora de espaços organizacionais, tem sido problematizada em outros campos do conhecimento. Exemplos deste tipo de estudo em organizações em diferentes contextos espaço-temporais podem ser encontrados nas áreas da Sociologia, da Antropologia e da História. Feiras populares (REZENDE, 2001), mercados e supermercados (CHEVALIER, 2007), *shopping centers* (COLLAÇO, 2004) e mesmo células de produção industriais (SILVA, 2006) são alguns dos espaços organizacionais nos quais são analisadas práticas associadas à sociabilidade por pesquisadores de diferentes domínios da ciência.

Alguns estudos, contudo, merecem destaque na área de Estudos Organizacionais, dentro e fora do Brasil. Guerrier e Addib (2003), por exemplo, analisam a sociabilidade em um espaço de turismo, no qual trabalho e lazer se encontram; Fleming e Spicer (2007) desenvolvem uma metáfora espacial para o estudo de organizações em contexto de interação. Gramkow e Cavedon (2001) tangenciam a questão da sociabilidade no espaço organizacional Mercado Público, mas já dão orientações importantes sobre sua análise. Também os trabalhos de Cavedon e Stefanowski (2006), os quais estudam a importância do riso e do humor em uma organização, e o de Pandolfi *et al.* (2009), o qual busca desvendar a cultura organizacional de um espaço de sociabilidade urbana, qual seja, um bar na cidade de Belo Horizonte, são interessantes dentro desta temática. Fantinel e Cavedon (2010) e Ipiranga (2010) estudam espaços de sociabilidade (bares e restaurantes) e evidenciam a importância da consideração da dimensão espacial em estudos desta natureza. Fantinel, Cavedon e Fischer

(2014) analisam os significados do espaço circulantes em uma cafeteria e os relacionam às sociabilidades organizacionais dadas no local.

O trabalho que a autora deste artigo vem desenvolvendo nos últimos anos posiciona-se justamente neste campo. As problematizações a respeito de como a sociabilidade organizacional revela a construção da realidade organizacional buscam pôr em evidência o cotidiano organizacional e, a partir dele, compreender como operam as apropriações do espaço e as interações na organização. Buscam-se, portanto, a partir do estudo de contextos particulares, elementos que permitam compreender o fenômeno organizativo de forma mais ampla.

Tais problemáticas são, evidentemente, interessantes a todos os tipos de organizações. Qualquer organização tem espaços de sociabilidade, seja o local do lanche ou do cafezinho, o vestiário ou o refeitório, ou ainda, os espaços de subversão apropriados de maneira fúrdia nos corredores, escritórios ou chãos de fábrica. Compreender estas apropriações através das práticas de sociabilidade é parte da compreensão do fenômeno organizacional. Contudo, esta compreensão torna-se ainda mais crucial no caso de organizações nas quais a interação com outros sujeitos é um dos principais atrativos aos seus integrantes e/ou clientes, como, por exemplo, bares, boates, cafeterias ou cafés, clubes, feiras, festivais, entre outros. Nesses casos, em particular, os modos de sociabilidade compreendem, para além da interação (estritamente funcional ou não) entre funcionários e clientes, o negócio principal da organização, sua razão de existir.

A proposição dessa nova categoria, o que esta pesquisadora chama “organizações de sociabilidade intensiva”, e que são aquelas cuja razão de ser sustenta-se, basicamente, nas práticas de interação nelas ocorridas, vem a evidenciar um fenômeno que se intensifica na contemporaneidade: o fato de as sociabilidades urbanas darem-se cada vez mais em espaços organizacionais. A progressiva união entre lazer, cultura e consumo (TASCHNER, 2000) coloca as organizações como espaços fundamentais para a compreensão do fenômeno da sociabilidade em ambiente urbano contemporâneo. Oliven (2007) chega a apontar uma organização específica – o botequim – como um espaço de integração, de sustentação do indivíduo no contexto urbano.

Fantinel (2012), nesse sentido, optou pelo estudo aprofundado de uma organização em particular, no qual pôde evidenciar elementos que permitissem pensar a relação estabelecida entre os significados atribuídos por diferentes sujeitos ao espaço de tal organização e às sociabilidades organizacionais nele dadas. Foram identificados e interpretados repertórios simbólicos heterogêneos, evidenciando diferentes modos de sociabilidade urbana contemporânea. A apreensão do cotidiano organizacional como campo de construção das sociabilidades torna possível a visualização de fenômenos interativos em contexto organizacional.

A autora, ainda, argumenta que os significados do espaço organizacional se constroem, entre outros aspectos, a partir das sociabilidades organizacionais, em constante realimentação, de forma que um reconstrói e reforça o outro. A autora ainda conclui que determinados espaços organizacionais são vividos, para além de meros espaços de consumo, como locais

de lazer, de encontros, de experiência fora do lar, ou mesmo de trabalho. Assim, possuem por objetivo oferecer facilidades em duas vertentes: por um lado, do ponto de vista funcional e, por outro, do social. Neste sentido, passa-se a entender a sociabilidade organizacional como a

[...] ação recíproca entre indivíduos que se materializa em modos de relacionamento social concreto construídos a partir de processos interativos, representativos e simbólicos que se constroem dentro e fora do espaço organizacional, mas permeados pelo cotidiano da organização, e altamente influenciados pelo processo de gestão (FANTINEL, 2012, p. 57).

A sociabilidade, para além de um tipo de interação que prima exclusivamente pela forma, pode ser vista, assim, como o meio de manutenção das relações sociais por meio da interação social recíproca, ou seja, dos tratos de amabilidade, refinamento e cordialidade convencionais que sustentam outros tipos de sociação, ainda que sem interesse explícito. Além do mais, nesta concepção, é importante destacar que a organização é vista como construção social dinâmica, formada a partir das interações cotidianas dos sujeitos e constantemente reconstruída por elas. Alinha-se, portanto, a uma perspectiva que visa à compreensão das organizações “como elas acontecem” (SCHATZKI, 2006), em uma realidade vista como socialmente construída (BERGER; LUCKMANN, 2004). Neste sentido, por meio das práticas cotidianas, investigadas através da lente teórica das sociabilidades, as organizações são percebidas não como unidades externas ou entidades naturalizadas ou reificadas, mas sim como processos em constante transformação.

Assim, extrapolando a afirmação de Certeau (2003a), o qual argumenta que as apropriações do espaço não obedecem necessariamente aos critérios do planejamento, compreende-se, igualmente, que as apropriações ocorridas em contexto organizacional escapam à decisão do gestor e, por meio de apropriações e novas significações, tomam rumos não previstos anteriormente (FANTINEL, 2012). Tal fenômeno reforça, justamente, a importância da compreensão dos elementos e processos envolvidos nestas apropriações e ressignificações conformadas a partir do cotidiano organizacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto teve por objetivo expor um breve histórico sobre o conceito de sociabilidade e apresentar possibilidades de estudo de fenômenos organizacionais tendo como base o conceito de sociabilidade. Sabe-se que esta discussão não se encontra esgotada, uma vez que os caminhos que se constroem para a compreensão de diferentes fenômenos organizacionais são diversos e complexos.

De todo modo, pode-se argumentar que as sociabilidades podem ser consideradas importantes referentes na construção e reconstrução cotidiana dos espaços organizacionais (FANTINEL; CAVEDON; FISCHER, 2014). Esta compreensão passa pela interpretação de usos e apropriações de elementos organizacionais como o próprio espaço e pela construção de significados relacionados aos modos de sociabilidade organizacional, constituindo-se em

empreendimento complexo e tem implicações que vão além da gestão formal da organização.

As contribuições que tais abordagens podem trazer ao campo são diversas, conforme foi exposto brevemente neste texto. Do ponto de vista teórico, de maneira geral, oferece-se uma possibilidade para a compreensão de fenômenos simbólicos organizativos, a partir de tipos específicos de interação nas organizações. Mais especificamente, argumenta-se que o estudo de um tipo particular de organização, as aqui chamadas organizações de sociabilidade intensiva, pode abrir caminho para a compreensão de aspectos inerentes não só à vida organizacional, mas também à vida urbana contemporânea de forma mais geral. Desvendam-se elementos presentes contemporaneamente na vida em sociedade nas cidades, ao evidenciar formas de apropriação e ressignificação que se constroem na convergência de consumo e lazer em contextos culturais. O cotidiano organizacional, neste contexto, emerge como o meio através do qual tais apropriações e significações são produzidas e reproduzidas.

A partir do olhar interposto para organizações, as quais, cotidianamente, são construídas por modos de sociabilidade e que, em alguns casos, por seu intermédio, seguem atraindo mais integrantes, pode-se trazer a sociabilidade organizacional de categoria periférica a central na compreensão de determinados fenômenos contemporâneos. Tal compreensão permite a apreensão do cotidiano organizacional como campo privilegiado da construção das sociabilidades nas organizações, oferecendo uma lente teórica interessante para análises organizacionais, especialmente do ponto de vista simbólico.

NOTAS

- 1 Submetido à RIGS em: nov. 2014. Aceito para publicação em: mar. 2015
- 2 A autora agradece à Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo – FAPES (edital FAPES nº 006/2014 – Universal – Projeto individual de pesquisa) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (processo nº 446524/2014-0) pelo apoio financeiro concedido.

REFERÊNCIAS

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: um livro sobre sociologia do conhecimento. Lisboa: Dinalivro, 2004.

BURKE, P. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: a Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

CARDOSO, J. S. A cidade como exigência da sociabilidade. In: CARDOSO, J. S. (Org.). **Dilemas da sociabilidade, pensar a cidade hoje**. Curitiba: CRV, 2012. p. 17-36.

CAVEDON, N. R.; STEFANOWSKI, F. L. O riso que integra, o riso que separa: identidade organizacional em um sebo de Porto Alegre. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE PODER LOCAL. Desenvolvimento e gestão social de territórios. **Anais...** Salvador: UFBA, 2006.

- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: [1.] artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2003.
- _____; GIARD, L.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano**: [2.] morar, cozinhar. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CHEVALIER, S. “Shopping” à la française: approvisionnement alimentaire et sociabilité. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 65-86, jul./dez. 2007.
- COHN, G. As diferenças finas: de Simmel a Luhmann. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 38, out. 1998.
- COLLAÇO, J. Restaurantes de comida rápida, os fast-foods em praças de alimentação de shopping centers: transformações no comer. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 33, p. 116-135, jan./jun. 2004.
- COWAN, B. Public spaces, knowledge and sociability. In: TRENTMANN, F. (Org.). **The Oxford Handbook of the history of consumption**. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 251-266.
- FANTINEL, L. D. **Os significados do espaço e as sociabilidades organizacionais**: estudo de um café em Salvador. 2012. 247 f. Tese (Doutorado em Administração) – Núcleo de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.
- _____; CAVEDON, N. R. A cultura organizacional do restaurante Chalé da Praça XV em Porto Alegre: espaços e tempos sendo revelados. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 6-37, jan./fev. 2010.
- _____; CAVEDON, N. R.; FISCHER, T. M. D. Significados permanentes e mutantes: sociabilidades e significações no cotidiano de um café. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 50, n. 2, p. 153-165, maio/ago. 2014.
- FERREIRA, J. Da vida ao tempo: Simmel e a construção da subjetividade no mundo moderno. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 15, n. 44, out. 2000.
- FLEMING, P.; SPICER, A., ‘You Can Checkout Anytime, but You Can Never Leave’: Spatial Boundaries in a High Commitment Organization. **Human Relations**, v. 57, n. 1, p. 75-94, 2004.
- FRÚGOLI Jr., H. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- GONÇALVES, L. N. **Educação musical e sociabilidade**: um estudo em espaços de ensinar/aprender música em Uberlândia-MG nas décadas de 1940 a 1960. 2007. 333 f. Tese (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- GRAFMEYER, Y. Avant-propos. In: GRAFMEYER, Yves; JOSEPH, Isaac. **L'école de Chicago** – naissance de l'écologie urbaine. Paris: Champs Essais, 2009.

_____; JOSEPH, I. La ville laboratoire et le milieu urbain. In: GRAFMEYER, Yves; JOSEPH, Isaac. **L'école de Chicago** – naissance de l'écologie urbaine. Paris: Champs Essais, 2009.

GRAMKOW, F.; CAVEDON, N. R. As bancas de especiarias do mercado público de Porto Alegre e suas estratégias. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 8, n. 22, p. 1-15, 2001.

GRIGOROWITSCHS, T. O conceito “socialização” caiu em desuso? Uma análise dos processos de socialização na infância com base em Georg Simmel e George H. Mead. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 29, n. 102, p. 33-54, jan./abr. 2008.

GUERRIER, Y.; ADDIB, A. Work at Leisure and Leisure at Work: A Study of the Emotional Labour of Tour Reps. **Human Relations**, v. 56, n. 11, p. 1399-1417, 2003.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

IPIRANGA, A. S. R. A cultura da cidade e os seus espaços intermediários: os bares e os restaurantes. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 65-91, jan./fev. 2010.

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LEITE, R. P. Margens do dissenso: espaço, poder e enobrecimento urbano. In: FRÚGOLI Jr., Heitor; ANDRADE, L.; PEIXOTO, F. (Org.). **As cidades e seus agentes: práticas e representações**. Belo Horizonte: PUC Minas/Edusp, 2006.

MARTINS, J. S. **A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na modernidade anômala**. São Paulo: Contexto, 2013.

OLIVEN, R. J. **A antropologia de grupos urbanos**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PANDOLFI, R.; CALIMAN, N.; VASCONCELLOS, J. G. Cultura organizacional e espaços de sociabilidade urbana: o caso da rua da Lama, Vitória. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE PODER LOCAL. 11. **Anais...** Salvador, 2009.

REZENDE, C. B. Os limites da sociabilidade: cariocas e “nordestinos” na Feira de São Cristóvão. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 28, p. 67-181, 2001.

SCHATZKI, T. R. Organizations as they happen. **Organization Studies**, v. 27, n. 12, p. 1863-1873, 2006.

SILVA, L. M. Trabalho e sociabilidade privada: a exclusão do outro: um olhar a partir das células de produção. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 21, n. 61, p. 147-161, jun. 2006.

SIMMEL, G. As grandes cidades e a vida do espírito. **MANA**, v. 11, n. 2, p. 577-591, 2005.

_____. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: SIMMEL, G. **Georg**

Simmel: Sociologia. Organização de Evaristo de Moraes Filho. Coordenação de Florestan Fernandes. São Paulo: Ática, 1983.

_____. Sociologia do espaço. **Estudos avançados**, n. 27, v. 79, 2013.

TASCHNER, G. B. Lazer, cultura e consumo. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 40, n. 4, p. 38-47, out./dez. 2000.

TEDESCO, J. C. Georg Simmel e as ambigüidades da modernidade. **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, v. 43, n. 1, p. 57-67, jan./abr. 2007.

VALENTIN, F.; PINEZI, A. Indivíduo e sociedade no pensamento social da Escola de Chicago. CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES. 1. **Anais...** Niterói, 2012.

Letícia Fantinel

Professora Adjunta do Departamento de Administração e do Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Doutora em Administração pela Universidade Federal da Bahia, com estágio-sanduiche na Universidade Paris IX, mestre e bacharel em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Membro do corpo editorial da Revista Acadêmica São Marcos e da Revista de Administração da UNIME. Parecerista ad hoc de diversos periódicos e eventos. Pesquisadora do GESIP/UFES - Grupo de Estudos em Simbolismos e Práticas Cotidianas em Organizações, registrado no CNPq. Coordenadora de projeto financiado pelo CNPq (Edital MCTI/CNPQ/Universal 14/2014) e FAPES (Edital FAPES Nº 006/2014 - Universal - Projeto individual de pesquisa). Pesquisadora na área de Estudos Organizacionais dentro dos seguintes temas: cultura e simbolismo nas organizações, sociabilidades organizacionais, representações sociais, espaço e tempo nas organizações, etnografia.